

## Baudelaire e o Mal-entendido<sup>1</sup>

Eduardo Horta Nassif Veras

Em um fragmento de *Mon cœur mis à nu* [*Meu coração desnudo*], Baudelaire afirma que “o mundo só caminha pelo Mal-entendido”. O aspecto universalizante desse enunciado, já inscrito na formulação sintática e no emprego da maiúscula, é reafirmado na continuação do texto: “– É pelo Mal-entendido universal que todo o mundo se põe de acordo. – Pois se, por infelicidade, nos compreendêssemos, não poderíamos nunca nos pormos de acordo”.<sup>2,3</sup> O primeiro trecho propõe uma espécie de chave interpretativa geral. Apenas o mal-entendido explica as relações criadas no mundo. O segundo, aparentemente paradoxal, ressalta a dimensão enganosa e ilusória do acordo entre os homens. A consequência é lógica e pessimista: a compreensão mútua impediria o acordo, dito de outro modo, o entendimento entre os homens tornaria impossível a vida em sociedade.

André Guyaux aproxima o fragmento de trechos de Pascal e La Rochefoucauld. Do último, cita a máxima LXXXVII: “Os homens não viveriam por muito tempo em sociedade se não fossem enganados uns pelos outros”, e de Pascal, o pensamento 758: “Ninguém fala de nós em nossa presença como fala de nós em nossa ausência. A união entre os homens é fundada nesta trapaça mútua.”<sup>4</sup> La Rochefoucauld e Pascal são, todavia, menos assertivos em suas formulações que Baudelaire. A elevação do mal-entendido à condição de princípio universal que recebe o emprego da maiúscula, a fórmula que exclui outras possibilidades de interpretação (“*ne marche que*”, em português, “só caminha por”), e o advérbio “jamais” (“nunca”), tudo isso ganha uma tonalidade mais peremptória que o estilo nuançado

<sup>1</sup> Publicado originalmente em francês na *Revue italienne d'études françaises*, n. 12, 2022. Agradeço imensamente à professora Rita de Loiola pela tradução e pelas notas.

<sup>2</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Prosa*. Tradução, organização e introdução: Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Penguin Companhia das Letras, 2023. p. 166.

<sup>3</sup> “Le monde ne marche que par le Malentendu. – C’est par le Malentendu universel que tout le monde s’accorde. – Car si, par malheur, on se comprenait, on ne pourrait jamais s’accorder.” (BAUDELAIRE, Charles. *Fusées, Mon cœur mis à nu et autres fragments posthumes*. Edição: André Guyaux. Paris: Gallimard, 2016. p. 117). Os textos de Baudelaire serão citados em sua versão traduzida no corpo do artigo, seguidos pelo original em língua francesa, em nota de rodapé, para melhor compreensão do conteúdo.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 406, nota 1, tradução nossa.

dos dois pensadores do século XVII. Se Pascal e La Rochefoucauld parecem mais preocupados com as ligações sociais, com a dimensão teatral das relações sociais, *topos* do pensamento barroco, Baudelaire, por sua vez, vai além, identificando no mal-entendido um princípio filosófico, um elemento fundamental no funcionamento do “mundo”, palavra que não aparece nos trechos dos outros dois autores.

A universalidade do mal-entendido se aproxima à do pecado original no pensamento de Baudelaire. “Uma pena! Do Pecado Original, mesmo após tanto progresso há tanto prometido, ficarão sempre muitos traços para constatar sua imemorial realidade!”<sup>5,6</sup> Lê-se em um artigo sobre *Os miseráveis*. O pecado se insinua por toda parte em Baudelaire. Ele aparece em sua “teoria da verdadeira civilização”,<sup>7</sup> esboçada em outro fragmento de *Meu coração desnudo*, em suas reflexões sobre o belo, sobre o progresso e mesmo em sua correspondência. Em uma carta de 21 de janeiro de 1856 a Alphonse Toussenel, o poeta fala da “supressão da ideia do *pecado original*” como a “grande heresia moderna”.<sup>8</sup>

A teoria baudelaireana do pecado é certamente devedora, como já notado em várias ocasiões, do pensamento de Joseph de Maistre, segundo quem “não há nada de mais confirmado, nada de tão universalmente aceito sob uma ou outra forma, nada enfim de tão intrinsecamente plausível como a teoria do pecado original”.<sup>9</sup> Ela se expande, entretanto, no pensamento de Baudelaire em um princípio mais radicalizado que exclui a redenção e rege todas as áreas da vida, entre as quais a própria literatura. “A aborrecida cena do imortal pecado”,<sup>10,11</sup> confirmada em “Le voyage” [“A Viagem”], não se reduz a um tema escolhido por Baudelaire,

<sup>5</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Prosa*, p. 482.

<sup>6</sup> “Hélas! du Péché Originel, même après tant de progrès depuis si longtemps promis, il restera toujours bien assez de traces pour en constater l’immémoriale réalité.” BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*. Organização: Claude Pichois. Paris: Gallimard, 1990. (Bibliothèque de la Pléiade). v. 2, p. 224.

<sup>7</sup> “Teoria da verdadeira civilização. Ela não está no gás, nem no vapor, nem nas mesas girantes, está na diminuição dos traços do pecado original.” (BAUDELAIRE, Charles. *Prosa*, p. 159). “Théorie de la vraie civilisation. Elle n’est pas dans le gaz, ni dans la vapeur, ni dans les tables tournantes, elle est dans la diminution des traces du péché originel.” (BAUDELAIRE, Charles. *Fusées*, p. 107).

<sup>8</sup> “[...] la grande hérésie moderne – je veux dire la suppression de l’idée du *péché originel*.” BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance*. Organização, apresentação e notas: Claude Pichois, com a colaboração de Jean Ziegler. Paris: Gallimard, 1973. (Bibliothèque de la Pléiade). v. 1, p. 337. Tradução nossa.

<sup>9</sup> MAISTRE, Joseph de. *Œuvres*. Organização: Pierre Glaudes. Paris: Robert Laffont, 2007. p. 489, tradução nossa.

<sup>10</sup> BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução e organização: Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 423.

<sup>11</sup> “Le spectacle ennuyeux de l’immortel péché” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 132).

pois “toda literatura”<sup>12</sup> deriva dela, segundo as afirmações de uma carta endereçada a Poulet-Malassis, de fins de 1860. Assim como o Mal, o mal-entendido universal atravessa também as questões literárias. Baudelaire o associa, por exemplo, à condenação pública das *Fleurs du mal* [*Flores do mal*], sobre a qual ele se propõe a contar a história, a “humilhação [do]<sup>13</sup> pelo mal-entendido, e meu processo”.<sup>14,15</sup>

As relações entre o Mal e o mal-entendido são, antes de tudo, de ordem teológica. Após a Queda, vê-se a confusão das línguas entre os descendentes de Adão, como podemos ler na *Gênese* (11,6-7): “E [Deus] disse: Eis que todos constituem um só povo e falam uma só língua. Isso é o começo de suas iniciativas! Agora, nenhum desígnio será irrealizável para eles. Vinde! Desçamos! Confundamos a sua linguagem para que não mais se entendam uns aos outros.”<sup>16</sup> Desde então, os homens estão condenados ao mal-entendido como já estavam ao pecado original. Este último, escreve Walter Benjamin em um texto de juventude, “é a hora de nascimento da *palavra humana*”,<sup>17</sup> em outros termos, o pecado e a linguagem humana estão originalmente ligados. Baudelaire muito provavelmente concordaria com essa ideia, que se encontra em quase toda a sua obra.

O primeiro aspecto dessa generalização do mal-entendido é o *topos* baudelairiano da impenetrabilidade do real, de seu absurdo. “Babel povoada de imbecis e inúteis”,<sup>18</sup> a Paris moderna é também o teatro do mal-entendido e da incompreensão, desse desacordo entre o mundo e a inteligência, na poesia de Baudelaire. A cidade se apresenta como um desafio ao entendimento, diante do qual o poeta normalmente fracassa, demonstrando sua “incompetência hermenêutica”.<sup>19</sup> O problema da ilegibilidade do mundo é, assim, vizinho ao do mal-entendido. Se a realidade não é, em geral, compreensível, isso se explica pela incompatibilidade essencial entre as palavras e as coisas surgida após a Queda. O poeta vai capitular diante do mundo moderno e seu absurdo justamente porque o

<sup>12</sup> “Toute littérature dérive du péché.” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 2, p. 85).

<sup>13</sup> O trecho indica, na edição de André Guyaux, uma parte riscada no manuscrito de Baudelaire.

<sup>14</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Prosa*, p. 145.

<sup>15</sup> “L’humiliation [du] par le malentendu, et mon procès.” (BAUDELAIRE, Charles. *Fusées*, p. 91).

<sup>16</sup> GÊNESE. In: *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 31-105.

<sup>17</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921). São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013. p. 67.

<sup>18</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 162, tradução nossa.

<sup>19</sup> Ver as reflexões de Steve Murphy sobre a obsessão e o fracasso hermenêutico de Baudelaire: MURPHY, Steve. *Éclats de voix et osmazômes pour Le spleen de Paris*. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *Lectures du Spleen de Paris*. Rennes: PUR, 2014. p. 15.

caos não se oferece à compreensão, como se pode ver em “Les sept vieillards” [“Os sete velhos”]:

Minha razão queria ter o leme em vão;  
 Seus esforços vencia-os o temporal,  
 E dançava, dançava a alma, embarcação  
 Sem mastros, num monstruoso mar sem litoral!<sup>20,21</sup>

e no primeiro parágrafo de “Un plaisant” [“Um engraçadinho”]:

Era explosão do ano-novo: caos de lama e de neve, atravessado por mil carroças, faiscando de doces e brinquedos, fervilhando de ganâncias e de desesperos, delírio oficial de uma grande cidade feito para transtornar o cérebro do mais forte solitário.<sup>22,23</sup>

Na estrutura baudelairiana do mal-entendido universal, o divórcio entre os homens é uma experiência colocada em um contexto teológico maior, o da destruição da harmonia entre os seres e o mundo e da coincidência entre as palavras e as coisas após a Queda. De acordo com Walter Benjamin, “nesse distanciamento das coisas [...] surgiu o plano da construção da torre de Babel e, com ela, a confusão entre as línguas”.<sup>24</sup> Contudo, Baudelaire não se contenta em tematizar a impenetrabilidade do real e os desacordos do homem decaído com o mundo. Sua poesia é intrinsecamente atravessada pelo mal-entendido, que ela integra, em muitos lugares, à sua própria estrutura discursiva.

Retornemos ao processo das *Flores do mal*. Em um projeto de prefácio, Baudelaire atribuirá a condenação pública e a mutilação de sua coletânea justamente

<sup>20</sup> BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*, p. 283.

<sup>21</sup> “Vainement ma raison voulait prendre la barre; / La tempête en jouant déroutait ses efforts, / Et mon âme dansait, dansait, vieille gabarre / Sans mâts, sur une mer monstrueuse et sans bords!” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 88).

<sup>22</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa: o spleen de Paris*. Prefácio: Marcelo Jacques de Moraes. Tradução e notas: Isadora Petry e Eduardo Veras. São Paulo: Via Leitura, 2018. p. 18.

<sup>23</sup> “C’était l’explosion du nouvel an: chaos de boue et de neige, traversé de mille carrosses, étincelant de joujoux et de bonbons, grouillant de cupidité et de désespoirs, délire officiel d’une grande ville fait pour troubler le cerveau du solitaire le plus fort.” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 279).

<sup>24</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre mito e linguagem*, p. 69.

a um “mal-entendido muito estranho”.<sup>25,26</sup> “A humilhação pelo mal-entendido”, que menciona em seu fragmento de *Meu coração desnudo* citado, ocasiona à época uma reação de seus defensores na tentativa de explicar ao público o projeto literário do livro, com o fim de corrigir a má impressão, o mal-entendido relativo à suposta adesão ao Mal. É este o objetivo dos quatro *Articles justificatifs pour Charles Baudelaire, auteur des Fleurs du mal* [Artigos justificativos para Charles Baudelaire, autor das Flores do mal]. No primeiro desses artigos, Édouard Thierry tenta explicar aos leitores do *Moniteur Universel*,<sup>27</sup> em 14 de julho de 1857, o significado do Mal nos poemas de Baudelaire. “É a tristeza que o justifica e o absolve”, escreve. “O poeta não se regozija diante do espetáculo do mal”.<sup>28</sup> Barbey d’Aurevilly, no artigo recusado pelo *Le Pays*<sup>29</sup> em razão da má reputação de Baudelaire, afirma desde o começo que “nosso dever é impedir qualquer confusão e engano”<sup>30</sup> em relação ao livro. Seu texto ressalta a dimensão dramática do projeto baudelairiano para evitar qualquer possibilidade de adesão perversa. Diante desse quadro do mal-entendido generalizado entre o livro e o público, Baudelaire confessa, em *Notes pour mon avocat* [Notas para meu advogado], que seu “único erro foi contar com a inteligência universal, e não fazer um prefácio em que eu teria exposto meus princípios literários e ressaltado a questão tão importante da Moral”.<sup>31,32</sup> Os primeiros esforços de Baudelaire e de seus defensores pretendem dissipar o mal-entendido relativo à primeira recepção de *As flores do mal*. A incomunicabilidade com o público é reconhecida como um problema que convida os partidários do poeta a intervir na imprensa.

Baudelaire afirma, porém, que há “glória em não ser compreendido, ou em só o ser muito pouco”.<sup>33,34</sup> A incomunicabilidade e a ausência de acordo

<sup>25</sup> BAUDELAIRE, 2019. *As flores do mal*, p. 563.

<sup>26</sup> “malentendu fort bizarre” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 184).

<sup>27</sup> Jornal ligado ao governo francês [NT].

<sup>28</sup> THIERRY, Édouard. *Les fleurs du mal*, par M. Ch. Baudelaire. In: GUYAUX, André (Org.). *Baudelaire. Un demi siècle de lectures des Fleurs du Mal (1855-1905)*. Paris: Presses de l’Université Paris-Sorbonne, 2007. p. 167-169. (Mémoire de la critique). p. 168, tradução nossa.

<sup>29</sup> Jornal de tendência conservadora, próximo ao governo do Segundo Império (1852-1870) [NT].

<sup>30</sup> D’AUREVILLY, J. Barbey. *As flores do mal*. In: BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Tradução e organização: Júlio Castañón Guimarães. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 607.

<sup>31</sup> BAUDELAIRE, Charles. 2019. *As flores do mal*, p. 585.

<sup>32</sup> “unique tort a été de compter sur l’intelligence universelle, et ne pas faire une préface où j’aurais posé mes principes littéraires et dégagé la question si importante de la Morale.” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 194).

<sup>33</sup> BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*, p. 563.

<sup>34</sup> “gloire à n’être pas compris, ou à ne l’être que très peu” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 184).

em sociedade são também a marca do “homem inteligente”.<sup>35,36</sup> Elas são os atributos do dândi. O lugar do mal-entendido é, portanto, ambíguo em sua obra. Sua incorporação literária não se reduz aos *topoi* da incompreensão pública e da ilegibilidade do real; ela se expressa especialmente na construção de alguns poemas, sobretudo em prosa, em que o enunciador é pego em uma armadilha e dramatiza sua própria ingenuidade ou a dos outros.

O “abismo intransponível” da incomunicabilidade “permanece não transposto”,<sup>37,38</sup> por exemplo, em “Les yeux des pauvres” [“Os olhos dos pobres”]. O poema começa pela recordação de uma promessa de felicidade que seria em breve quebrada pelo mal-entendido:

Nós havíamos passado juntos um longo dia que me parecera curto. Havíamos prometido um ao outro que todos os nossos pensamentos seriam partilhados, e que nossas almas seriam a partir de então uma só – um sonho que não tem nada de original, ademais, exceto que, sonhado por todos os homens, não foi realizado por nenhum.<sup>39,40</sup>

A refutação do sonho romântico da harmonia das almas ocupa o cerne do poema. Enquanto o narrador parece se amolecer, consternado, diante da “família de olhos” que se coloca na calçada, em frente ao café em que se encontra o casal, a mulher, contrariando o estereótipo romântico, exprime todo o seu desprezo, que o poeta não hesita em contrastar ironicamente com sua beleza celestial:

Eu mergulhava em seus olhos tão belos e bizarramente doces, em seus olhos verdes, habitados pelo capricho e inspirados pela Lua, quando você me disse

<sup>35</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Prosa*, p. 166.

<sup>36</sup> “l’homme d’esprit” (BAUDELAIRE, Charles. *Fusées*, p. 117).

<sup>37</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Prosa*, p. 157.

<sup>38</sup> “gouffre infranchissable [...] reste infranchi.” (BAUDELAIRE, Charles. *Fusées*, p. 106).

<sup>39</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*, p. 61.

<sup>40</sup> “Nous avions passé ensemble une longue journée qui m’avait paru courte. Nous nous étions promis que toutes nos pensées nous seraient communes à l’un et à l’autre, et que nos deux âmes désormais n’en feraient plus qu’une ; – un rêve qui n’a rien d’original, après tout, si ce n’est que, rêvé par tous les hommes, il n’a été réalisé par aucun.” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 318).

“essas pessoas me são insuportáveis, com seus olhos escancarados como por-tões! Você não poderia pedir ao dono do café que os retire daqui?”<sup>41,42</sup>

A conclusão do poema confirma a teoria do mal-entendido universal, pois esse casal se afirma como tal justamente pela incompreensão mútua. O afastamento entre a promessa e a realidade é brutal e intransponível. A mulher não pensa de modo semelhante ao narrador. É possível a aproximação desse poema a outro fragmen-to de *Meu coração desnudo*:

No amor como em quase todos os assuntos humanos, a concórdia é resultado de um mal-entendido. Esse mal-entendido é o prazer. O homem grita: “Oh! meu anjo!”. A mulher cacareja: “Mamãe! mamãe!”. E esses dois imbecis estão convencidos de que pensam de modo semelhante. – O abismo intransponível, que cria a incomunicabilidade, permanece não transposto.<sup>43,44</sup>

O narrador do poema, porém, não se deixa enganar: ele tem, como Baudelaire, consciência do distanciamento, pois reconhece sua diferença em relação à sua amada, que ele qualifica, aliás, no início do poema, de “impermeable” [“imper-meável”]. A tomada de consciência por parte do poeta não leva a nenhum preconceito moral contra a mulher nem ao questionamento do amor, mas a uma conclusão em relação à incomunicabilidade entre as pessoas, em que prevalece a ausência do julgamento ético: “Quão é difícil se entender, meu anjo querido, e quão o pensamento é incomunicável, mesmo entre pessoas que se amam!”<sup>45,46</sup>

Se “Os olhos dos pobres” é um poema “sobre” o mal-entendido, “La corde” [“A corda”] efetua sua dramatização narrativa. Edward Kaplan define esse poema

<sup>41</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*, p. 62.

<sup>42</sup> “Je plongeais dans vos yeux si beaux et si bizarrement doux, dans vos yeux verts, habités par le Caprice et inspirés par la Lune, quand vous me dites: ‘Ces gens-là me sont insupportables avec leurs yeux ouverts, comme des portes cochères! Ne pourriez-vous pas prier le maître du café de les éloigner d’ici?’” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 319).

<sup>43</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Prosa*, p. 157.

<sup>44</sup> “Dans [la politique] <l’amour> comme dans presque toutes les affaires humaines, l’entente cordiale est le résultat d’un malentendu. Ce malentendu, c’est le plaisir. L’homme crie: ‘oh! mon ange!’ La femme roucoule: ‘maman! maman!’ Et ces deux imbeciles sont persuadés qu’ils pensent de concert. – Le gouffre infranchissable, qui fait l’incommunicabilité, reste infranchi.” (BAUDELAIRE, Charles. *Fusées*, p. 105-106).

<sup>45</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*, p. 62.

<sup>46</sup> “Tant il est difficile de s’entendre, mon cher ange, et tant la pensée est incommunicable, même entre gens qui s’aiment!” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 319).

como “a fábula da vida moderna mais violentamente cética de Baudelaire, pois ela suspende a certeza que fundamenta toda ética: o amor maternal”.<sup>47</sup> “A corda” é a história do suicídio de um jovem que trabalhava como modelo no ateliê de um pintor. Toda a narração se apoia em um mal-entendido que aparentemente só é dissipado no último parágrafo. O pintor inicialmente acredita nos bons sentimentos e nas boas intenções dos pais do garoto, que demonstram impassibilidade diante da tragédia. O protagonista se surpreende, mas prefere encontrar uma justificativa para a frieza da mãe: “Atribuí essa estranheza ao próprio horror que ela devia experimentar, e que me fez lembrar de uma conhecida sentença: ‘As dores mais terríveis são as dores mudas’”.<sup>48,49</sup> Perto do fim da narração, a mãe pede ao pintor o pedaço da corda com que o rapaz havia se enforcado. O pintor não compreende as intenções da mãe, que seriam as de se apropriar de um objeto que poderia lhe trazer dinheiro, pois tradicionalmente se atribui à corda dos enforcados o poder de trazer sorte. Porém, o pintor ainda não é capaz de ver a realidade: “Seu desespero a havia, me pareceu, perturbado tanto que agora ela se enchia de ternura pelos objetos que haviam servido de instrumento para a morte de seu filho, e queria guardá-los como uma horrível e cara relíquia”.<sup>50,51</sup> A descoberta do verdadeiro propósito da mãe só lhe ocorre no dia seguinte, quando o narrador recebe um “pacote de cartas” [“paquet de lettres”] nas quais muitas pessoas tentam “obter [dele] um pedaço da funesta e beatífica corda”: “E então, de repente, uma luz se fez no meu cérebro, e compreendi por que a mãe fazia tanta questão de me arrancar a fita e por meio de que comércio ela pretendia se consolar”,<sup>52,53</sup> conclui. As intenções da mãe são, assim, desvendadas, mas a reação do pintor permanece indeterminada.

<sup>47</sup> KAPLAN, Edward. *Baudelaire et Le spleen de Paris*. L'esthétique, l'éthique et le religieux. Tradução para o francês de É. Trogrlic. Paris: Classiques Garnier, 2015. p. 146, tradução nossa.

<sup>48</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*, p. 73-74.

<sup>49</sup> “J’attribuai cette étrangeté à l’horreur même qu’elle devait éprouver et je me souvins de la sentence connue: ‘Les douleurs les plus terribles sont les douleurs muettes.’” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 330).

<sup>50</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*, p. 74.

<sup>51</sup> “Son désespoir l’avait, sans doute, me parut-il, tellement affolée, qu’elle s’éprenait de tendresse maintenant pour ce qui avait servi d’instrument à la mort de son fils, et le voulait garder comme une horrible et chère relique.” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 331).

<sup>52</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*, p. 74-75.

<sup>53</sup> “obtenir de [lui] un morceau de la funeste et béatifique corde”: “Et alors, soudainement, une lueur se fit dans mon cerveau, et je compris pourquoi la mère tenait tant à m’arracher la ficelle et par quel commerce elle entendait se consoler.” (Ibid.).

Em uma versão de “A corda” publicada em *L'Artiste*<sup>54</sup> em 1 de novembro de 1864, Baudelaire adiciona um parágrafo final em que o narrador retoma a palavra e a ambiguidade relativa à neutralidade das últimas palavras do pintor, após a descoberta, é uma vez mais reforçada:

Cruzes! – eu respondi ao meu amigo, – um metro de corda de enforcado, dez centímetros a cem francos, em média, cada um pagando segundo suas capacidades, dá mil francos, um verdadeiro, um eficaz alívio para esta pobre mãe.<sup>55,56</sup>

A incompreensão, portanto, não é dissipada. Ao contrário, os enunciados do narrador podem sugerir uma espécie de cumplicidade com o pintor, apesar da aparência ingênua e benevolente deste último. Não se saberá nunca. O mal-entendido, incorporado dessa maneira à estrutura enunciativa do poema, atinge o plano da recepção sem que o leitor tenha acesso a uma última palavra do pintor, cujo caráter permanece incerto.

Gostaríamos de comentar brevemente, para terminar, um último poema em que o mal-entendido é dramatizado e o estado de suspensão do sentido não é ultrapassado. Em “La fausse monnaie” [“A moeda falsa”], vê-se o narrador fracassar várias vezes em suas tentativas de compreender o gesto de seu amigo, que oferece uma moeda falsa a um pobre após ter feito uma “cuidadosa triagem de seus trocados”<sup>57,58</sup> nos bolsos de suas roupas. O mal-entendido começa desde a primeira interpretação equivocada: “Você tem razão”, diz o narrador a seu amigo: “após o prazer de ser surpreendido, não há outro maior que o de causar uma surpresa”. Após a resposta do interlocutor – “Era a moeda falsa” –, observa-se uma série de elucubrações do narrador, que busca explicar essa má ação como se fizesse uma triagem das hipóteses da mesma forma que seu amigo havia feito a triagem das moedas. A conclusão do texto é ela própria uma hipótese de leitura do olhar neutro do amigo:

Eu o olhei bem no branco dos olhos e fiquei espantado ao ver que em seu olhar brilhava uma incontestável candura. Então percebi que ele quisera

<sup>54</sup> Revista francesa de literatura e artes [NT].

<sup>55</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 1.339, tradução nossa.

<sup>56</sup> “Parbleu! – répondis-je à mon ami, – un mètre de corde de pendu, à cent francs le décimètre, l’un dans l’autre, chacun payant selon ses moyens, cela fait mille francs, un réel, un efficace soulagement pour cette pauvre mère.”

<sup>57</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*, p. 67.

<sup>58</sup> “soigneux triage de sa monnaie” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 323).

fazer ao mesmo tempo caridade e um bom negócio; ganhar quarenta tostões e o coração de Deus; conquistar o paraíso economicamente; enfim, conseguir de graça um certificado de homem caridoso. Eu lhe teria quase perdoado o desejo do criminoso prazer de que o supunha há pouco culpado; eu teria achado curioso, singular, que ele se divertisse comprometendo os pobres; mas não lhe perdoarei jamais a inépcia do seu cálculo. Nunca há desculpas quando se é mau, mas há algum mérito em saber que se é; e o mais irreparável dos vícios é fazer o mal por estupidez.<sup>59,60</sup>

Nada pode garantir que este último enunciado do narrador desvende a verdade sobre o gesto do amigo. O poema se termina sem que se chegue ao fim da triagem das possibilidades. O leitor, por sua vez, é, como em “A corda”, pego por essa máquina enunciativa artilosa em que todos os enunciados são duvidosos. Ele próprio pode se tornar vítima da falsificação. Para o narrador, porém, tudo se explica pela maldade do amigo, de quem ele não perdoa a inconsciência: “nunca há desculpas quando se é mau, mas há algum mérito em saber que se é; e o mais irreparável dos vícios é fazer o mal por estupidez”.<sup>61,62</sup> Consciente ou inconsciente, o mal é a única certeza, a última palavra do poema. Não há como escapar dela, segundo o locutor, como não há como escapar do mal-entendido. Este último é associado novamente ao mal como uma verdade inscrita na própria incerteza da “*palavra humana*” [“*verbe humain*”] após o pecado original. O Mal não é, portanto, somente o tema da nova interpretação duvidosa proposta ao fim de “A moeda falsa”; ele é a própria dúvida, o fundamento de todo mal-entendido.

A universalidade do mal-entendido é, digamos, a face linguística, discursiva e literária da universalidade do Mal. Sua expressão é a pobreza ontológica do homem e da língua do homem decaído. Ironicamente, a vida em sociedade só

<sup>59</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*, p. 68.

<sup>60</sup> “Je le regardai dans le blanc des yeux, et je fus épouventé de voir que ses yeux brillaient d’une incontestable candeur. Je vis alors clairement qu’il avait voulu faire à la fois la charité et une bonne affaire ; gagner quarante sols et le cœur de Dieu ; emporter le paradis économiquement ; enfin attraper gratis un brevet d’homme charitable. Je lui aurais presque pardonné le désir de la criminelle jouissance dont je le supposais tout à l’heure capable ; j’aurais trouvé curieux, singulier, qu’il s’amusât à compromettre les pauvres ; mais je ne lui pardonnerai jamais l’ineptie de son calcul. On n’est jamais excusable d’être méchant, mais il y a quelque mérite à savoir qu’on l’est ; et le plus irréparable des vices est de faire le mal par bêtise.” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 324).

<sup>61</sup> BAUDELAIRE, Charles. *Pequenos poemas em prosa*, p. 68.

<sup>62</sup> “On n’est jamais excusable d’être méchant, mais il y a quelque mérite à savoir qu’on l’est ; et le plus irréparable des vices est de faire le mal par bêtise.” (BAUDELAIRE, Charles. *Œuvres complètes*, v. 1, p. 324).

se torna possível por meio da ficção, ou seja, por meio de uma prática social da mentira, uma recusa da sinceridade. Fingir, exercer um papel social na “trapaça mútua” [“mutuelle tromperie”], de que fala Pascal, é a própria condição de existência da sociabilidade. Baudelaire, na sequência dos filósofos moralistas, radicaliza e incorpora literariamente esse princípio. O mal-entendido se torna, assim, o tecido em que se ligam sua visão de mundo e sua poesia.

Tradução: Rita de Cássia Bovo de Loiola